



ESTUDO DE CASO ETNOGRÁFICO: UMA METODOLOGIA APLICADA À EDUCAÇÃO

Suzana Rocha de Souza¹
Gabriel de Souza Vieira²
Anatália Daiane de Oliveira³

Resumo: Diante de algumas possibilidades quanto a pesquisa qualitativa, este artigo tem como objetivo refletir sobre o estudo de caso etnográfico no âmbito educacional. Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o tema, evidenciando as possibilidades e os limites da metodologia do estudo de caso etnográfico, bem como as características pessoais essenciais de um pesquisador que deseja utilizar esta estratégia metodológica de pesquisa, a fim de concretizar uma investigação sistemática e bem-sucedida das situações do cotidiano escolar. Identificamos que o pesquisador do estudo de caso etnográfico necessita desenvolver uma visão para além das aparências, do que é óbvio, mergulhando na realidade cotidiana escolar, visando compreender esse universo, que é tão cheio de particularidades, dinamismo e especificidades.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Pesquisa qualitativa. Estudo de caso etnográfico.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre o estudo de caso etnográfico no âmbito educacional. Trata-se de uma revisão bibliográfica sobre o tema, evidenciando as possibilidades e os limites da metodologia do estudo de caso etnográfico.

O interesse pela abordagem qualitativa de pesquisa está cada vez mais crescente entre os pesquisadores, sobretudo na área da educação, porém ainda existem muitas dúvidas a respeito de como realmente se configura uma pesquisa qualitativa. Neste sentido, na primeira parte do presente artigo, buscando contribuir para a minimização das possíveis dúvidas e recorrendo a Bogdan e Biklen (1994), apresentaremos cinco características básicas que caracterizam uma pesquisa qualitativa em educação.

Na segunda parte do texto nos debruçaremos sobre a pesquisa do tipo etnográfico em educação, destacando as dimensões necessárias para apreensão do dinamismo e os possíveis problemas a serem enfrentados no estudo da prática escolar. Em seguida, focaremos no estudo de caso etnográfico, as possibilidades e limites deste tipo de pesquisa e as características

¹ Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Ji-Paraná, Rondônia

² Graduando do curso de Direito da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

³ Doutoranda do PPGE-IE-UFMT e bolsista CAPES



peçoais essenciais de um pesquisador que deseja realizá-la. Por fim, teceremos as considerações finais possíveis nesse momento.

Características básicas da pesquisa qualitativa da educação

Bogdan e Biklen (1994) nos ajuda a superar algumas dúvidas em relação a identificação da abordagem qualitativa na educação ao apresentar cinco características básicas desse tipo de pesquisa. A primeira característica destacada pelos autores é que o ambiente natural é a fonte direta de obtenção e produção de dados, sendo o pesquisador o principal instrumento. O pesquisador se introduz no ambiente natural da pesquisa por um grande tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais, com o intuito de entender as questões educativas. Os investigadores qualitativos frequentam o local da pesquisa porque se preocupam em compreender o ambiente em que o contexto das relações sociais é estabelecido.

Para Bogdan e Biklen (1994), a segunda característica é que os dados na abordagem qualitativa são descritivos. O pesquisador analisa os dados em/com toda a sua riqueza, não os reduzindo a números, mas explicitando por meio de imagens, palavras, fotografias, vídeos, transcrição de entrevistas, notas de campos, documentos e outros registros. Na pesquisa qualitativa, os detalhes são muito importantes, e, por isso, nada pode escapar aos olhos do investigador. Assim, coisas aparentemente simples em uma sala de aula como, por exemplo, a organização das carteiras e se existem gravuras ou não nas paredes, podem fornecer pistas fundamentais para compreender o nosso objeto de estudo.

O interesse do pesquisador é muito maior no processo do que nos resultados é a terceira característica da pesquisa qualitativa. A ênfase recai no processo, e, por isso, o pesquisador procura compreender, analisar, descrever como um problema ou um fenômeno se manifesta em determinadas situações do cotidiano escolar (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

A quarta característica destacada pelos autores é que os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos. O processo de interpretação dos dados é semelhante a um funil em que as coisas estão abertas de início e vão se tornando cada vez mais específicas ao final. O quadro vai se construindo na medida em que se passa um tempo com os sujeitos e os dados são obtidos, produzidos e analisados.



Os pesquisadores qualitativos em educação estão preocupados com o significado, ou seja, a perspectiva dos sujeitos em relação as questões em foco. Essa é a quinta característica exposta pelos autores. O pesquisador se certifica de que realmente está entendendo as diferentes perspectivas dos sujeitos adequadamente: os que fazem uso de vídeos, mostram as gravações aos sujeitos para confirmar suas interpretações, outros mostram as transcrições das entrevistas, enfim, existe uma preocupação para que o registro considere o ponto de vista do sujeito, o modo como interpretam suas experiências de vida.

Minayo (2008) afirma que essa abordagem de pesquisa se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, que são resultado das interpretações que os indivíduos fazem sobre seus modos de viver, pensar e agir, e como constroem seus artefatos e a si mesmos.

A abordagem qualitativa exige do pesquisador sensibilidade para compreender, descrever, interpretar e analisar o processo em que acontecem essas relações sociais, considerando que a escola não é um espaço neutro, e sim um lugar em que os processos históricos são dinâmicos, possuem suas significações e especificidades que com certeza implicarão no resultado da pesquisa. Para Flick (2009, p. 20) “A pesquisa qualitativa é de particular relevância ao estudo das relações sociais devido à pluralização das esferas de vida”.

Compreender e interpretar os fenômenos a partir do contexto e dos diferentes significados atribuídos pelos sujeitos aos seus modos de ser, pensar e agir, é fundamental para o estudo, das relações sociais que se estabelecem nas diferentes esferas do cotidiano escolar. Existem diferentes formas de abordagens qualitativas de pesquisa na educação, entre elas, destacamos a pesquisa do tipo etnográfica e o estudo de caso, pois é crescente a aceitação destas abordagens na área da educação, especialmente, porque propiciam uma investigação sistemática das relações escolares cotidianas.

Pesquisa do tipo etnográfico em educação

A adoção da etnografia em diversas áreas do conhecimento, como, por exemplo, a educação, tem sido uma crescente, justamente pelos pressupostos que fundamentam a etnografia: a possibilidade de interação direta com os sujeitos, inserção no cotidiano da escola para compreender as concepções, práticas, modos de vida, comportamentos e o significado



atribuído por esses sujeitos a essas práticas. Chizzoti (2006, p. 65, destaques no original) traz o termo etnografia como:

[...] descrição de um grupo social, deriva etimologicamente do grego, de *graphein* - descrever e *ethnos* - estrangeiro, bárbaro e depois foi utilizado para descrever um grupo cultural. Foi apropriada como uma antropologia descritiva dos modos de vida da humanidade, e introduzida como um modo de descrição social científica de uma pessoa ou da configuração cultural de uma população.

Segundo André (1998, p. 27, destaque no original) “a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvida pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa *descrição cultural*”. Para os antropólogos, esse termo tem dois sentidos: trata-se de um conjunto de técnicas para coletar dados sobre um grupo social; e de um relato escrito do emprego dessas técnicas. Tem se adaptado a etnografia à educação, e, por isso, “fazemos estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito” (p. 28).

André (1998) menciona os elementos para que um trabalho possa ser caracterizado do tipo etnográfico em educação: a) quando faz uso das técnicas associadas à etnografia, que são: observação participante, entrevista intensiva e interpretação de documentos; b) interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado; c) ênfase no processo e não nos resultados finais; d) preocupação com o significado, sendo que o pesquisador procura retratar a visão pessoal dos participantes; e) envolve um trabalho de campo, os sujeitos, as situações são observadas em sua manifestação cultural.

A permanência do pesquisador no local onde será realizado o estudo pode variar, dependendo dos seus objetivos, disponibilidade, atitude do grupo em relação ao pesquisador. Ghedin e Franco (2008) evidenciam a importância de o pesquisador ter habilidade para analisar o modo de expressão dos sujeitos, considerando que ser aceito no e pelo grupo pesquisado pode contribuir para o desenvolvimento dessa habilidade. A abordagem etnográfica move-se entre compreender o que é o outro em seu próprio espaço e a possibilidade de interferir nesse cenário.

Outro aspecto fundamental é que o pesquisador tenha uma perspectiva teórica definida, pois mesmo que a abordagem etnográfica tenha flexibilidade, isso não significa ausência do arcabouço teórico. Essa opção teórica precisa estar explicitada ao longo do estudo a fim de orientar a interpretação dos dados obtidos e produzidos.

A pesquisa etnográfica em educação, exige que o pesquisador coloque:



[...] uma lente de aumento na dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia a dia, apreendendo as forças que a impulsionam ou que a retêm, identificando as estruturas de poder e os modos de organização do trabalho escolar e compreendendo o papel e a atuação de cada sujeito nesse complexo interacional onde ações, relações, conteúdos são construídos, negados, reconstruídos ou modificados. (ANDRÉ, 1998, p. 41).

O “exercício” acima citado pela autora pode exigir do pesquisador uma visão ampliada do espaço da escola, ou seja, como um espaço social, em pleno movimento, repleto de valores e significados, em que o ser humano na convivência com os demais, incorpora costumes, normas, discriminações e juízos prévios em relação a ele mesmo e ao outro.

O pesquisador precisa ainda considerar que as relações estabelecidas no espaço escolar são permeadas pelos jogos de poder e dominação que categoriza e hierarquiza as pessoas: pobre e rico, mulher e homem, negro e branco, caipira e urbano, aluno e professor, sendo que os indivíduos que “portam signos de fragilidade”, tem seus desejos abortados, sustentando, assim, a cadeia de privilégios de alguns e a violência de outros. Nesse sentido, a investigação não pode se limitar a um mero retrato do cotidiano escolar e sim desvelar sua pluralidade de dimensões, apontando suas contradições e potencializando sua vivacidade.

Dimensões para apreensão do dinamismo da prática escolar

Para André (1998) é necessário observar e apreender o dinamismo da prática cotidiana considerando três dimensões: institucional ou organizacional, instrucional ou pedagógica e sociopolítica/cultural.

A dimensão institucional ou organizacional envolve os elementos do contexto escolar, tais como, organização do trabalho pedagógico, estruturas de poder e de decisão, participação dos agentes, recursos humanos e materiais disponíveis, enfim, toda a rede que compõe o cotidiano escolar. Nessa dimensão, o pesquisador deverá estabelecer contato direto com a equipe escolar: direção, pessoal técnico-administrativo, docentes e equipe de gestores, por meio de entrevistas, conversas informais, acompanhamento de reuniões e atividades pedagógicas, além da interpretação da documentação que orienta o funcionamento da escola.

A dimensão instrucional ou pedagógica diz respeito às situações de ensino, nas quais se dá o encontro professor-aluno-conhecimento. Nessa dimensão é preciso considerar a história pessoal de cada indivíduo que dela participa, as condições concretas dos estudantes – processo cognitivo, poder aquisitivo, linguagem, imaginário – e a situação concreta do professor – condições de vida, de trabalho, expectativas, valores, concepções e a inter-relação



com o ambiente escolar, com a estrutura administrativa e forças institucionais. Para isso, o pesquisador utilizará a observação direta das situações de ensino e aprendizagem, assim como interpretação do material didático utilizado pelo professor e o material produzido pelo estudante.

A dimensão sociopolítica/cultural se refere ao contexto sociopolítico e cultural, aos determinantes macroestruturais da ação educativa. Ela exige uma reflexão sobre o momento histórico, as forças políticas, sociais, concepções e valores presentes na sociedade. É um nível mais profundo da explicação da prática escolar, em que se considera sua totalidade e suas múltiplas determinações, que não pode ser feita nem abstrata nem isoladamente, mas com base no nas situações vivenciadas no cotidiano escolar, em um movimento que vai da prática para a teoria e numa volta para a prática, a fim de transformá-la.

A autora destaca a relevância dessas três dimensões com o objetivo de relembrar aspectos que não podem ser desconsiderados e que são essenciais em uma investigação da prática pedagógica cotidiana.

Problemas a serem enfrentados no estudo da prática escolar

André (1998) também aponta alguns problemas enfrentados nos estudos sobre a prática escolar cotidiana e que podem ser sintetizados em três grupos: a) o desconhecimento dos princípios básicos da etnografia, b) a falta de clareza sobre o papel da teoria na pesquisa e c) a dificuldade de lidar teórica e metodologicamente com a complexa questão objetividade x participação. Em relação ao desconhecimento dos princípios básicos da etnografia, para a autora, a pesquisa etnográfica não pode se reduzir simplesmente à descrição das situações e reprodução dos depoimentos. Ela deve ultrapassar esses limites encontrando outras formas de entender e recriar o mundo. Por isso, a observação participante e as entrevistas intensivas são eficazes para o pesquisador organizar o universo estudado. As categorias de interpretação devem ser construídas ao longo do estudo e dialogando com a teoria.

A centralidade do conceito de cultura nesse caso não pode se perder de vista, e, por isso, recorreremos ao conceito de cultura de Geertz (1989, p. 15):

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.



Nessa mesma perspectiva de acordo com Geertz (1989, p. 22) “a cultura é pública porque o significado o é”. O trabalho de pesquisa do tipo etnográfico é significativo porque permite essa compreensão e interpretação da cultura, os significados na perspectiva dos sujeitos, analisando as particularidades das relações culturais.

Neste sentido, um problema percebido por nós é a apresentação dos dados por parte de alguns pesquisadores sem um questionamento mais detalhado e aprofundado em suas raízes, na busca de seu significado e suas implicações. Para André (1998, p. 46, destaque no original) “O autor parece acreditar que os dados por si só vão produzir alguma teoria, faltando um exame aprofundado dos mesmos, uma tentativa crítica e de interpretação, no sentido de uma *descrição densa*, como nos ensina Geertz”.

A autora traz a noção de descrição densa como sendo de Geertz, entretanto esse autor explica o uso do termo ao falar da etnografia como sendo emprestado de Ryle:

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle. (GEERTZ, 1989, p. 15, destaque no original).

Para Geertz, ao falar da etnografia como uma descrição densa, o que o etnógrafo enfrenta é uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender para depois apresentar. Por isso, “Fazer etnografia é como tentar ler [...] um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado.” (GEERTZ, 1989, p. 20).

No que se refere a falta de clareza sobre o papel da teoria na pesquisa, André (1998) afirma que o desconhecimento ou uma visão errônea do papel da teoria na pesquisa tem gerado uma fragilidade nos estudos etnográficos na área educacional. A falta de clareza sobre o papel da teoria na pesquisa tem gerado um distanciamento entre o referencial teórico apresentado no início do trabalho e o processo de obtenção, produção e interpretação dos dados. Por isso, quando o pesquisador define o tema a ser pesquisado é fundamental que se faça uma revisão da literatura e verifique pontos que precisam ser mais estudados. Dessa revisão, poderão surgir perguntas que orientarão a obtenção, a produção e a interpretação de dados.



No trabalho de campo o pesquisador não fica preso às hipóteses estabelecidas, sendo uma fase que exige sensibilidade, abertura e flexibilidade, pois podem surgir novas formulações e novas perspectivas de interpretação. É o momento de mediar teoria, experiência no campo, dialogar com os referenciais de apoio, rever e fazer ajustes necessários.

Em relação à dificuldade de lidar com a complexa questão objetividade x participação, segundo André (1998) na maioria das vezes o pesquisador investiga uma situação com a qual ele já tem familiaridade e acaba obtendo e produzindo dados na escola em que trabalha. Surge então uma confusão entre sujeito e objeto de estudo, entre opiniões que o pesquisador já tinha e outras que surgirão com o estudo. Nesse caso o desafio é manter o distanciamento que um trabalho científico requer, saber trabalhar envolvimento e subjetividade. Desta forma, a autora relata que: "Distanciamento que não é sinônimo de neutralidade, mas que preserva rigor. Uma das formas de lidar com essa questão tem sido o estranhamento - um esforço sistemático de interpretação de uma situação familiar como se fosse estranha" (p. 48).

A busca de uma diversidade de sujeitos, variedade de fontes de informações e várias perspectivas de interpretação dos dados são cuidados metodológicos que aliados a um consistente referencial teórico, auxiliam no distanciamento da situação, podendo diminuir assim os problemas já citados.

O estudo de caso etnográfico

O estudo de caso aparece há muitos anos nos livros de metodologia da pesquisa educacional, porém como menciona André (1998) numa concepção bastante estrita, ou seja, o estudo descritivo de uma escola, um professor, um aluno ou uma sala de aula; retratando a realidade de forma profunda, completa com ênfase na complexidade natural das situações e nas inter-relações dos sujeitos. Já o estudo de caso etnográfico surgiu recentemente na educação com o intuito de aplicar a abordagem etnográfica ao estudo de caso: "Dentre as várias maneiras de realizar uma pesquisa qualitativa em educação, *o estudo de caso etnográfico* vem ocupando lugar crescente. Trata-se de uma modalidade de pesquisa qualitativa que une características do 'estudo de caso' com a 'etnografia'." (VIÉGAS, 2007, p. 104, destaques no original).

A maioria das reflexões sobre estudo de caso aplica-se aos estudos etnográficos em geral. André (1998) em seu livro *Etnografia da prática escolar* reserva um capítulo para o



estudo de caso etnográfico, no qual analisa os limites e possibilidades da metodologia desse tipo de estudo de caso para uma investigação sistemática das situações do cotidiano escolar.

Segundo a autora para decidir sobre quando e para que se deve utilizar o estudo de caso etnográfico, o pesquisador precisa saber o que de fato quer investigar, do problema por ele levantado e das questões que ele quer responder.

A autora sintetiza a ideia de vários autores dessa estratégia de pesquisa, entre eles Stake (1985), Kenny e Grotelueschen (1980); Merriam (1988) e Yin (1988):

[...] podemos dizer que o estudo de caso etnográfico deve ser usado: (1) quando se está interessado numa instância em particular, isto é, numa determinada instituição, numa pessoa ou num específico programa ou currículo; (2) quando se deseja conhecer profundamente essa instância particular em sua complexidade e em sua totalidade; (3) quando se estiver mais interessado naquilo que está ocorrendo e no como está ocorrendo do que nos seus resultados; (4) quando se busca descobrir novas hipóteses teóricas, novas relações, novos conceitos sobre um determinado fenômeno; e (5) quando se quer retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural. (ANDRÉ, 1998, p. 52).

Percebemos que o estudo de caso etnográfico é uma metodologia de pesquisa que permite conhecer e compreender melhor os problemas da escola, ao entrar em contato direto com o seu cotidiano em toda sua riqueza, especificidades, possibilidades e limitações, a fim de estabelecer relações com outras esferas da sociedade.

Possibilidades e limites do estudo de caso etnográfico

O pesquisador deve examinar as vantagens e limitações do estudo de caso etnográfico, antes de fazer a opção por tal metodologia de pesquisa e André (1998) nos apresenta de forma bem clara esses pontos: a) possibilidade de fornecer uma visão profunda; b) capacidade de retratar situações vivas do dia a dia escolar; c) capacidade heurística; d) pesquisador não parte de um esquema teórico fechado; e) potencial de contribuição aos problemas da prática educacional; f) forte dependência da capacidade, da sensibilidade e do preparo do pesquisador; e g) problemas éticos presentes na pesquisa.

Em relação ao primeiro ponto, de acordo com a autora, no estudo de caso etnográfico o pesquisador precisa investir tempo e recursos em todas as etapas da pesquisa, seja no trabalho de campo, na obtenção, produção e interpretação dos dados, a fim de que tenha uma visão mais aprofundada, ampla e integrada da escola que é uma unidade social complexa que é composta por muitas variáveis.



Quanto ao segundo ponto, segundo a autora, essa capacidade vai requerer do pesquisador um longo período em campo e uma boa aceitação pelos sujeitos e muita sensibilidade nas relações estabelecidas na escola, o que é fundamental para o bom andamento da pesquisa. O pesquisador precisa ter o cuidado de não se prender somente a coisas inusitadas que se destacam, perdendo detalhes do dia a dia, prejudicando assim a dinâmica natural da escola, o que comprometeria o resultado do trabalho.

Em relação à capacidade heurística, de acordo com André (1998) é a capacidade de descobrir novas significações, estabelecer novas relações, oferecer conhecimentos que auxiliem o leitor a compreender os vários sentidos do fenômeno estudado, ampliando suas experiências. Para Minayo (2008), essa capacidade é se inserir no contexto de descoberta que a pesquisa propõe.

No que se refere ao pesquisador não partir de um esquema teórico fechado, a autora destaca que esse procedimento o ajuda a não limitar suas interpretações e não o impede na descoberta de novas relações. Porém, alguns pesquisadores têm sido conduzidos por uma linha chamada “ateórica” que é somente descritiva e que se desenvolve num vazio teórico; e outros se perdem ao seguirem um esquema muito aberto e flexível, além de não acrescentar muito ao que já se conhece, sendo ambas perigosas.

Quanto ao potencial de contribuição aos problemas da prática educacional, os estudos de caso etnográfico podem oferecer informações valiosas para situações práticas escolares e para decisões políticas, no entanto, da mesma forma que eles auxiliam nessas mudanças que significam para algumas pessoas, progresso e aperfeiçoamento, para outras, podem significar retrocesso e prejuízo (ANDRÉ, 1998).

Em relação a forte dependência da capacidade, da sensibilidade e do preparo do pesquisador, para a autora, o principal instrumento de obtenção, produção e interpretação de dados é o pesquisador, e, por isso, quanto maior for sua experiência, sensibilidade e comprometimento, o resultado do estudo será mais consistente e elaborado. Mas nem sempre o pesquisador tem essa bagagem no domínio do instrumental teórico-metodológico, além disso, não existem roteiros prontos a serem seguidos na interpretação dos dados, para a elaboração final do relatório, o que traz novas exigências por parte do pesquisador.

O último ponto – problemas éticos presentes na pesquisa –, de acordo com André (1998) as questões éticas relacionam-se à divulgação de dados que podem prejudicar o futuro da instituição, da pessoa ou do programa a ser estudado, trazendo implicações de natureza



administrativa. Por isso, o pesquisador precisa desenvolver uma relação de confiança com os sujeitos e não colocá-los em risco no desenvolvimento da pesquisa.

Além das questões acima citadas sobre possibilidades e limites do estudo de caso etnográfico, André (1998) destaca a existência de alguns problemas relacionados à validade, fidedignidade e à generalização nesses tipos de estudos de caso, os quais precisam ser observados durante a realização da pesquisa.

De acordo com a autora, o conceito usual de fidedignidade está relacionado ao confronto entre os eventos e a sua representação, de maneira que diferentes pesquisadores cheguem às mesmas representações dos mesmos eventos. Entretanto, no estudo de caso etnográfico ocorre de forma diferente, pois o que se pretende é apresentar, baseado nos dados coletados e no posicionamento do pesquisador, uma das versões do caso, não como a única ou a correta, dando abertura para a possibilidade de outras versões existentes que possam ser tão significativas quanto a do pesquisador.

No que diz respeito à validade, André (1998) destaca que essa questão se torna muito grave quando não é possível permanecer por um longo período no campo de pesquisa, o que permite ao pesquisador esclarecer dúvidas e corrigir falsas impressões. A autora sugere que a palavra-chave nessa situação é negociação, para obter e produzir os dados e garantir aos sujeitos que haverá sigilo das informações. É fundamental discutir com os sujeitos essas questões éticas, buscando esclarecer todas e quaisquer dúvidas.

Quanto à generalização, a autora recorrendo a Stake (1978) e Lincoln e Guba (1985), sintetiza que: a generalização no sentido de leis que se aplicam universalmente não é um objetivo da abordagem qualitativa de pesquisa e alguns dirão que não é um objetivo útil em qualquer tipo de pesquisa; a ideia de generalização é aceita por todos no sentido de que os dados de um estudo sirvam para compreender os dados de outro estudo; a descrição densa é considerada fundamental na realização da comparação ou transferência de uma situação para outra, pois ao analisar as semelhanças e diferenças pode-se julgar se os resultados de um estudo podem ser hipóteses sobre o que pode ocorrer ou não em outras situações.

Características pessoais essenciais de um pesquisador

Analisamos as vantagens e limitações do estudo de caso etnográfico, consideramos a sua validade, fidedignidade e generalização e para finalizar é primordial conhecer as



características e habilidades do pesquisador que são essenciais para o bom desempenho do estudo. Neste sentido, André (1998, p. 59) destaca que:

No estudo de caso etnográfico o pesquisador é o principal instrumento de coleta e análise de dados, haverá momentos em que sua condição humana será altamente vantajosa, permitindo reagir imediatamente, fazer correções, descobrir novos horizontes. Da mesma maneira, como um instrumento humano, ele pode cometer erros, perder oportunidades, envolver-se demais em certas situações ou com certas pessoas. Saber lidar, pois, com os prós e contras de sua condição humana é o princípio geral inicial que o pesquisador deverá enfrentar.

Para a autora, ao desenvolver um estudo de caso “qualitativo”, o pesquisador precisa ter uma enorme tolerância à ambiguidade, saber conviver com suas dúvidas e incertezas que são próprias da pesquisa. Diferentes autores apresentam listas de “qualidades ideais” para um pesquisador, porém, ela seleciona três características essenciais que são baseadas no referencial da autora Sharan Merriam (1988) e uma característica que André dá um destaque especial: a) sensibilidade, b) empatia, c) saber ouvir e d) habilidade de expressão escrita.

De acordo com André (1998), a sensibilidade é uma característica fundamental para a interpretação dos dados, considerando que no estudo de caso etnográfico não existem padrões de procedimentos a serem seguidos. Nesse momento, o pesquisador deverá recorrer ao referencial teórico e à sua sensibilidade de ir além do aparente, tentar captar o sentido dos gestos, das atitudes não verbais, dos sons, cores, ouvir suas intuições, percepções e emoções para explorar o máximo dos dados obtidos e produzidos. Desta forma, ela expõe que: “É esse movimento de vaivém da empiria para a teoria, e novamente para a empiria, que vai tornando possível a descoberta de novos conhecimentos” (p. 61).

O pesquisador é um ser humano, conseqüentemente, suas percepções, observações e interpretações são filtradas pelos seus pontos de vista filosóficos, ideológicos, econômicos e políticos. Assim, partindo do pressuposto que o pesquisador não deixará de lado seus valores e crenças, a sensibilidade poderá o ajudar a perceber como esses princípios podem ou não afetar os dados obtidos e produzidos.

Em relação a segunda característica selecionada por André (1998), a empatia vem sendo cada vez mais identificada como uma característica essencial de um pesquisador que realiza trabalho de campo. O pesquisador deve tentar se colocar no lugar do sujeito para entender melhor o que está ele dizendo e sentindo, condição considerável para obter e produzir os dados e compreender o fenômeno em estudo. A empatia será muito útil nas negociações iniciais de acesso ao trabalho de campo, bem como, nas entrevistas que serão realizadas durante o estudo. A empatia pode auxiliar no estabelecimento da confiança, e, com



isso, as informações poderão fluir com mais naturalidade no momento da entrevista, permitindo um aprofundamento em questões mais delicadas.

Segundo a autora, o clima de acolhimento é criado a partir do momento em que o pesquisador tem a capacidade de ouvir, e com atenção o que está sendo dito, sendo paciente com as pausas e explicações complexas. Por outro lado, precisa controlar e usar bem o tempo, ser capaz de interromper quando for necessário, fazer novas perguntas etc. Como no estudo de caso etnográfico procura-se representar diferentes perspectivas de grupos diferentes envolvidos no caso analisado, o pesquisador precisa saber ouvir com atenção os argumentos e pontos de vistas que são diferentes dos seus.

Em relação a habilidade de expressão escrita, embora essa capacidade não tenha sido enfatizada por Merriam (1988) e seja mencionada de forma rápida em outras publicações, André (1998) atribui um destaque especial. Muitas vezes, o pesquisador não consegue expressar em palavras escritas aquilo que observou, ouviu e sentiu, mesmo que ele tenha conduzido com cuidado o trabalho de campo, tenha obtido e produzido dados significativos e ricos. Neste sentido, a autora relata que existem outras formas de apresentação do caso, “como o desenho, a fotografia, a história em quadrinhos, o vídeo, mas muitas vezes o relato escrito é indispensável” (p. 63).

Nessa situação, o pesquisador deverá reservar um tempo maior para a elaboração do relatório final, ser persistente, fazer várias versões até que consiga expressar com riqueza o que foi observado, ouvido, sentido etc., e outro fator interessante é, sempre que possível, contar com uma equipe, pois o trabalho de pesquisa em equipe se torna efetivo nesse momento, para que o resultado possa ser atingido em menos tempo e essa dificuldade com a escrita possa ser superada.

Considerações finais

A partir das reflexões apresentadas no texto sobre as características da abordagem de pesquisa qualitativa, da riqueza da etnografia para um estudo profundo do fenômeno educacional, foi possível perceber o quanto o estudo de caso etnográfico –união das características do estudo de caso com as características da etnografia – é um caminho para o bom desenvolvimento de uma pesquisa que possibilite uma visão ampla e aprofundada de uma unidade complexa, que é a escola.



O pesquisador do estudo de caso etnográfico necessita desenvolver uma visão para além das aparências, do que é óbvio, mergulhando na realidade cotidiana escolar, visando compreender esse universo, que é tão cheio de particularidades, dinamismo e especificidades.

Cabe ao pesquisador situar-se em determinada escola, buscando compreender as características culturais dessa escola, as histórias de vidas dos sujeitos que a compõem e do seu entorno, o contexto histórico e social da instituição, partindo de uma descrição densa que permita uma interpretação aberta para novas interpretações.

Embora a descrição seja uma característica fundamental do estudo de caso etnográfico, o referencial teórico também tem um papel importante para orientar o trabalho do pesquisador, seja na obtenção de dados e na interpretação, e a partir de um estudo de caso etnográfico de uma escola, é possível estabelecer relações para compreender situações em outras instituições similares.

No estudo de caso etnográfico o pesquisador é o principal instrumento de obtenção, produção e interpretação de dados, por isso, precisa saber lidar com a incerteza e dúvidas, que são inerentes a essa metodologia de pesquisa. Entretanto, não partimos do princípio de que a versão do caso relatado pelo pesquisador seja a única ou a correta e sim que existe a abertura para a possibilidade de outras leituras que possam ser tão significativas quanto a do pesquisador.

Referências

ANDRÉ, M. E. D. A. **Etnografia da prática escolar**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1998.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto – Portugal: Porto Editora, 1994.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 1989.

GHEDIN, E; FRANCO, M. A. S. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.



LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In: LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. p. 11-24.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

VIÉGAS, L. S. Reflexões sobre a pesquisa etnográfica em Psicologia e Educação. **Revista Diálogos Possíveis**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/70446150/Reflexoes-sobre-a-pesquisa-etnografica-em-psicologia-e-educacao>. Acesso em: 03 dez. 2013.